

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v15.n36.01>

Mediar é preciso: desafios na leitura do literário

Mediating is necessary: challenges in literary reading

Cleide Jussara Muller Pareja¹

Adair Aguiar Neitzel²

Resumo: Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem como tema a leitura do literário e como objetivo geral problematizar acerca do conceito de mediação de leitura do literário. O aporte teórico principal conta com Barthes (1992), Eco (1986), Calvino (1990), Heidegger (2015), Neitzel, Pareja e Santos (2022) e Alves e Ramos (2019). Como resultados, sinaliza-se que fazer uma experiência com a leitura do literário implica uma mediação adequada, sensível, que considere que mediar é compartilhar, convidar o leitor a ruminar o texto, entrelaçar teoria e prática, provocar estesia, ocupar espaços propositores, possibilitar afetos, promover emancipação e propor desafios frente ao texto literário.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Leitura do literário. Fazer uma experiência.

Abstract: This research, of a qualitative character, had as its theme the literary reading and as the main objective to problematize the concept of mediation of the literary reading. The main theoretical contribution relies on Barthes (1992), Eco (1986), Calvino (1990), Heidegger (2015), Neitzel, Pareja and Santos (2022) and Alves and Ramos (2019). As a result, it is pointed out that undergoing an experience with the literary reading implies an adequate and sensitive mediation, which considers that mediating is sharing, inviting the reader to ruminate the text, intertwining theory and practice, provoking esthesia, occupying proposing spaces, enabling affections, promoting emancipation and proposing challenges to the literary text.

Keywords: Reading mediation. Literary reading. Undergo an experience.

Introdução: para começar a falar de nossa travessia

A melhor maneira de começar a sonhar é mediante livros.
(Fernando Pessoa, 2003, p. 45)

Iniciamos nosso artigo com esta epígrafe de Fernando Pessoa porque ela aponta uma das funções da literatura que hoje, pelo exacerbado tecnicismo, pelo excesso de objetividade e de pragmatismo,

¹ Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

² Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

acabou sendo desprezada. A leitura do literário nos move ao devaneio, alçando-nos a travessias que nos impulsionam a criar um refúgio em contextos adversos. Não há limites na leitura do literário, no jogo que se institui entre ficção e realidade pela imaginação poética e, por isso ela pode desempenhar um papel de abertura e de diferentes maneiras educar nossa sensibilidade, como poderoso instrumento de resistência ao caos interior e à exclusão social.

A leitura do literário na família, na educação básica e no ensino superior tem sido tema de muitas pesquisas no Brasil e no mundo. Petit (2009; 2012; 2013) é uma dessas pesquisadoras que, ao desenvolver estudos sobre a leitura com jovens em situação de crise, aponta a potência transformadora da literatura. Suas pesquisas promoveram o encontro da autora com crianças e jovens de vários países, provocaram também a mudança de visão sobre a função da literatura na formação do ser humano, e de atitude em relação à leitura. Mais do que uma visão da importância da leitura para a proficiência linguística e de ações de formação de leitores, suas pesquisas apontam que a leitura tem a função também de proteger nossas crianças e adolescentes das ruas e da violência. Seus ensaios levam a refletir sobre as possibilidades de se conjugar as dimensões individual e coletiva da leitura no campo da educação, da formação de leitores e da cidadania.

No Brasil, pesquisas como as de Neitzel e Alves (2022), Hentchen (2022), Marangoni e Ramos (2020), Pareja (2021), Neitzel, Pareja e Santos (2022), entre outras, sinalizam como a leitura do texto literário educa esteticamente quando ela é mediada de forma a mobilizar de forma sensível o leitor em formação, provocando-o a fazer uma experiência poética com o literário. As pesquisadoras destacam a necessidade das mediações de leitura literária não perderem de vista que o texto literário é um objeto artístico e estético, e que essa sua função precisa ser respeitada. Por educação estética as autoras

compreendem, com base em Schiller (2002), o movimento no qual o leitor – ao apreciar a obra de arte, neste caso o livro de literatura - mobiliza o impulso formal (inteligível) e sensível ao se relacionar com a obra, desenvolvendo o impulso lúdico. É pelo jogo, pela fruição, que razão e sensibilidade são acionadas possibilitando ao leitor emancipar-se, ter autonomia intelectual.

As pesquisadoras enfatizam que a promoção de mediações de leitura adequadas, que aproximem o leitor do desejo de ler, torna-se espaço de oportunidades para que ele possa ter uma experiência literária pelo viés da fruição. Importante ressaltar que leitura de prazer e leitura de fruição são diferentes; enquanto uma é confortável, contenta; a outra provoca rupturas, desconforta. A leitura de fruição é aquela que encaminha o leitor a fazer uma experiência. Para Heidegger (2015, p. 137),

[...] fazer uma experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso alcance-nos e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção

Heidegger (2015) afirma que fazer uma experiência com a linguagem exige que se permita a descoberta, a ruptura e a queda, isso porque para fazer uma experiência é necessário que abduquemos das nossas verdades, para poder escutar o que o texto quer falar de forma inaugural, amanhecendo: “Uma aprendizagem de desaprender” (PES-SOA, 1980, p. 64).

Esse movimento de descoberta é causado por uma ruptura com o que sabemos, o que nos permite escutar o outro, não para confirmar o que já sabemos, mas para romper e causar deslocamentos de sentidos, deixar a linguagem falar, significar. Ao renunciar às nossas verdades, abrimos a possibilidade para re-anunciar algo novo, como faz Fernando Pessoa (1980, p. 35) ao declamar: “E o que vejo a cada

momento/ É aquilo que nunca antes eu tinha visto,/ [...] Sinto-me nascido a cada momento/ para a eterna novidade do Mundo...”.

Importante apontar que fazer uma experiência com a linguagem não significa falar da linguagem, mas percorrer um caminho experienciando a própria linguagem; por isso Heidegger (2015) utiliza o verbo *Fazer*. Assim, fazer uma experiência pressupõe que haja um acontecimento apropriador que nos afete, que produza efeitos em nós, no que somos, no que pensamos, no que sentimos, no que queremos. Vamos até a coisa e a coisa vem até nós – a travessia do encontro.

Há uma transformação pela experiência, que para o filósofo é algo individual, singular, mesmo que seja vivida em grupo o mesmo acontecimento. A literatura, como arte, atua como experiência quando a leitura ocorre no fazer, movimento que pode ser conduzido por processos de mediação que exploram os sentidos estéticos do leitor. Deste modo, o acontecimento apropriador torna-se encarnado no leitor e reverberará em sua vida.

Essa percepção da leitura do literário que desenhamos aqui é movida pela concepção que temos acerca da função da literatura, embasada nos estudos produzidos por Barthes (1992), Eco (1991) e Calvino (1990). Os autores traçam uma poética que convida o leitor a olhar a obra sob uma outra ótica, uma lógica que opera com a imagem da literatura como um conhecimento constituído de uma multiplicidade de sentidos, de contribuições capazes de acolher a abundância, tanto na produção como na leitura.

Para Barthes (1992), o texto é uma rede de nós que se tece nas ambiguidades, na plurissignificação, uma obra plural, que se articula com outros textos, aberta a interferências diversas. Na leitura, cabe ao leitor entrar em suas linhas de fuga, pois a língua é percebida como um

sistema multivalente em que “os sentidos formigam” (Barthes, 1992, p. 90).

Quando o leitor lê por fruição, se coloca em estado de perda, um processo que o incita a ir além do que está posto no texto, a buscar as dobras e os caminhos que se abrem a cada imagem que se mostra por meio da criação do autor, a qual precisa ser desvendada no processo de leitura. A fruição para Barthes (2015) oportuniza não apenas ao leitor entender a perspectiva do autor, mas produzir sua própria visão de mundo, como faz Fernando Pessoa ao poeta: “Que difícil ser próprio e não ver senão o visível” (PESSOA, 1980, p. 66).

Eco (1991, p. 64) defende a concepção de obra aberta, em que na leitura encontram-se “[...] infinitos pontos de vista dos intérpretes e os infinitos aspectos da obra”. Para o autor, o romance é arquitetado de forma não acabada, um espaço de trocas entre leitor e autor, oferecendo autonomia ao leitor não só de interpretação, mas também de intervenção na sua forma de composição (mas as derivas interpretativas necessitam justificar-se no estrato semântico do texto). Eco centra a teoria da poética aberta na interpretação que o leitor efetua, na sua fruição. Serão possibilitados ao leitor captar e projetar a obra de arte e compreender que “[...] todas as interpretações são definitivas, no sentido de que cada uma delas é, para o intérprete, a própria obra, e provisórias no sentido de que cada intérprete sabe da necessidade de aprofundar a própria interpretação” (ECO, 1991, p. 64).

Aos olhos de Calvino (1990), a obra deste milênio deveria ter características de um hiper-romance, construído com narrativas que se cruzam, com uma estrutura enciclopédica, acumulativa, que leve o leitor a construir mecanismos de construção de sentidos nos labirintos produzidos pelo autor. E para compô-la, o autor subverte a linguagem, estabelece uma estrutura móvel, viva, em constante mutação e conta

com a participação ativa do leitor, que é o responsável pelo produto da combinação entre significantes e significados. Calvino defende uma obra que provoque o leitor a um olhar de espanto, pelo halo de indeterminação, por suas imagens fugidias, a ideia de um livro-labirinto, que provoca na leitura a expansão, a polissemia.

Essas concepções apontadas impactam diretamente na forma como o docente medeia o texto literário em sala de aula. Neitzel, Pareja e Santos (2022) sinalizam em sua pesquisa que sendo o livro de literatura um objeto artístico e estético, a mediação de leitura do literário necessita incentivar o leitor a jogar com o texto, a tergiversá-lo, pois é na interlocução com ele que se estabelece uma relação de fruição. Mas, “Não se trata do movimento de perguntas feitas pelo (a) docente e de respostas dadas pelos (as) mediados (as). A preocupação é oferecer aos (às) envolvidos (as) várias entradas ao texto literário” (NEITZEL, PAREJA; SANTOS, 2022, p. 167-168).

Tendo em vista essas questões, compomos este artigo, que é um recorte de uma tese de doutorado, desenvolvida por meio de grupo focal, com um grupo de acadêmicos do curso de Letras. Esta pesquisa foi realizada em uma universidade do sul do Brasil, e sua aplicação foi aprovada pelo comitê de ética da instituição executora. Nela, a partir do plano de ensino da professora de Estudos literários e das narrativas dos estudantes, buscamos problematizar como a mediação do literário pode otimizar *o fazer uma experiência* na formação de professores leitores. Neste artigo, não traremos as narrativas dos estudantes, pois nosso objetivo é problematizar acerca do conceito de mediação de leitura do literário. As afirmações que trazemos aqui sobre o que é mediar foram elaboradas a partir da observação das aulas da professora e das narrativas dos estudantes, as quais foram analisadas detalhadamente em Pareja (2021).

Desenrolando o novelo da mediação do literário

A vida é um novelo que alguém emaranhou.
(Fernando Pessoa, 2006, p. 287)

O texto literário, assim como a vida, é um emaranhado de sentidos a se desemaranhar pela leitura. Esse novelo foi enrolado pelo autor, mas os fios da trama literária serão desenrolados pelo leitor. A leitura se faz no desenrolar dos fios. Mas, por quais fios o leitor irá se deixar enovelar? Ele irá arreventar os fios tecidos pelo autor e criar um outro novelo texto? Depende de como essa leitura é mediada, quais os percursos que o leitor é instigado a traçar.

Acreditamos que a mediação de leitura é o travejamento desse processo, e que esse movimento é delineado pela concepção do mediador sobre a função estética e artística do texto literário. A partir dessa compreensão, o mediador provocará ações que respeitem o caráter polissêmico do texto e possibilitem o jogo entre o leitor e a obra, o jogo das multiplicidades, do espaço aberto, possibilitando a sua educação estética.

Desse modo, a ação propositora, provocadora e propiciadora da mediação oportunizará não somente a interpretação do texto, mas também, o encontro, a travessia que vem com o jogo e concretiza-se como experiência transformadora. Pode-se afirmar que a mediação é propositora quando evoca questionamentos; provocadora, porque irá deslocar o leitor, possibilitando novos olhares e propiciadora de experiências estéticas que nutrem o leitor. A nutrição estética é a entrada na obra pelos sentidos, aquela que nos possibilita perspectivar.

Picosque e Martins (2012, p. 36) afirmam que a nutrição estética é um movimento que possibilita que a obra seja “[...] ofertada para ser saboreada como um delicioso almoço que fazemos a alguém”. As pesquisadoras ressaltam a importância de se mobilizar os sujeitos

a “saber-perceber” pela experiência do olhar, do ouvir, do tocar, do escutar o que a obra tem a dizer, uma concepção que se alinha com o fazer uma experiência, segundo Heidegger (2015).

Para fazer uma experiência com o literário, é preciso que o leitor seja atravessado pelo texto, o que implica viver o texto como acontecimento. Por isso, esse movimento de leitura distancia-se de atividades puramente técnicas que exigem apenas a cognição; ela se dá também pelos afetos, pelos sentidos, pela razão e pela sensibilidade sem apartamentos, e isso é importante “Porque eu sou do tamanho do que vejo/ E não do tamanho da minha altura...” (PESSOA, 1980, p. 43).

Para fazer uma experiência com o texto literário é preciso uma movência do sujeito leitor, um querer desvelar o texto pelo jogo que é a linguagem, entregando-se ao seu vigor. Não é possível visualizar o vigor do lado de fora de nós; logo, ele é entrevistado à medida que “[...] a linguagem nos olha, nos guarda e de nós se apropria” (HEIDEGGER, 2015, p. 214). Podemos argumentar, então, que uma mediação adequada é aquela em que o sensível não se aparta do inteligível, que promove o encontro do texto poético com o leitor pelo equilíbrio da sensibilidade e da razão, que nos coloca no jogo com o vigor da linguagem.

Desse modo, o mediador não fala da obra, não se prende ao desenvolvimento do enredo, a explorar informações sobre o autor e a obra de forma exaustiva, mas leva o leitor a fazer uma experiência na leitura, a dialogar com o texto, a fazer perguntas a ele, ampliando nossa forma de ver o mundo, e como afirma Pessoa (1980, p. 43), “a nossa única riqueza é ver”. Essas ações podem efetivamente afetar o leitor e, assim, abrir os caminhos para que a experiência ocorra e que a linguagem fale.

Para Uriarte *et al.* (2016, p. 39), ao possibilitarmos uma mediação cultural como experiência estética geramos um duplo movimento: o primeiro acontece “[...] de fora para dentro, a partir do contato com um objeto artístico, para o qual ele [o sujeito] acessa seus campos perceptivos e sensíveis para promover o encontro, [...], e, em seguida, busca dentro de si a potência para significar esses encontros”. O resultado é uma experiência estética que potencializa nossos modos de ver e de atuar no mundo, possibilitando-nos desencaixotar nossas emoções, como anuncia Fernando Pessoa: “Procuro despir-me do que aprendi, / Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, / E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, / Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, / [...] (PESSOA, 1980, p. 87):

E nesse movimento de raspar a tinta com que pintaram nossos sentidos, uma mediação sensível de um professor, bibliotecário ou familiar pode auxiliar muito. Apresentamos, a seguir, uma imagem que sintetiza o conceito de mediação que buscamos construir ao longo desta pesquisa, a partir de nossa observação do plano de ensino da professora do curso de Letras da disciplina de Estudos Literários e das narrativas dos acadêmicos.

Figura 1 – Conceito de mediação



Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras para fins de pesquisa.

Na sequência, vamos explicar cada conceito, tendo em vista as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelo GP Cultura, Escola e Educação Criadora (UNIVALI). Elas sinalizam que uma mediação adequada é aquela que tem o diálogo como marca da mediação, pois, com ele, partilha-se o texto, as incursões que por ele fazemos no ato da leitura, o que exige uma postura multivalente do leitor, uma atitude produtiva frente ao texto.

Mediar é compartilhar

A convivência torna-se intensa quando os alunos são colocados a conversarem, a confrontarem-se e a terem coragem de compartilhar suas impressões. Para Utuari (2014, p. 175), provocar diálogos

[...] não pode ser apenas um inquérito repleto de perguntas, mas sim um jogo em que perguntas são bem-vindas e devem ser pensadas pelo educador para ativar culturalmente a arte, estabelecendo provocações de categorias de pensamentos

No movimento de cada um compartilhar suas impressões, desvenda-se a potência da obra, pois cada voz surge com uma sensação diferente. Segundo Petit (2009),

[...] esta abertura para o outro, que é consequência da leitura, também adota, muito concretamente, novas formas de sociabilidade, de partilhar e de conversar em torno dos livros. E por meio dessas redes de sociabilidades, com frequências flexíveis e múltiplas, circulam ideias, sensibilidades (PETIT, 2009, p. 97-98).

Mediar nessa perspectiva é propor encontros nos quais suas memórias cognitivas e afetivas venham à baila, falando a respeito delas com afetividade e conhecimento. Para além da experiência individual, a leitura literária ganha a companhia da experiência dos outros e ressignifica-se a cada olhar, a cada hipótese, a cada provocação lançada. Nos encontros, todos pensam, falam, para, posteriormente, agirem en-

trelaçando as suas ideias com as ideias dos outros e as ideias da obra. O caráter dialógico do conversar sobre a obra literária se estabelece como um compartilhar.

Mediar é convidar o leitor a ruminar o texto

Ruminar o texto, eis a questão! Essa é a sensação que se passa ao degustarmos as palavras, as frases, os parágrafos, mais de uma vez, vermos de novo o que já foi visto, com um olhar também novo porque a cada leitura são novas e outras descobertas. Não termos pressa de ir adiante, ou, se formos, não termos desânimo para retornarmos e percebermos que a palavra no texto literário é ambígua e evoca uma nuvem de significados.

Logo, as leituras, para serem ruminantes, exigem ser realizadas com obras instigantes, que possibilitem várias entradas no texto. Um dos importantes aspectos da leitura de uma obra é a possibilidade de que a cada leitura novos sentidos sejam encontrados, ampliando e aprofundando os olhares sobre o texto.

Nesse movimento de ler e de reler uma obra, de mergulhar no texto, o leitor atende ao chamado do autor que apresenta uma obra por acabar, a ser completada na fruição, quando fará um diálogo interpretativo que não é possível ser previsto pelo autor. Cada obra traz em si uma infinidade de leituras possíveis, as quais são renovadas a cada nova leitura, na visão de cada leitor, como afirma Eco (1991).

Mediar é entrelaçar teoria e prática

Para Candido (2011), todos os elementos – sociais, históricos e culturais – encontram-se nas obras, evidenciando que a sincronia de presente, passado e futuro estão sintonizados em cada uma, sendo a literatura “o sonho acordado das civilizações; ela confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de

vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 177). O pesquisador ressalta, que além desse caráter, é importante pensar a literatura como direito humano inalienável.

Em um curso de licenciatura que se preocupa com a formação de leitores, cabe ao professor mediador a função de ofertar a experiência da leitura do literário em parceria com os textos teóricos. Estes dão suporte para a compreensão da obra, para que os acadêmicos entendam que a teoria vem para ajudá-los a desvendar os sentidos que a obra apresenta, sem se esquecer que a teoria literária se constituiu após a produção da obra literária e não se sustenta sem ela.

Desse modo, ao fazer a experiência pela leitura do literário, os acadêmicos, futuros professores, passarão a discernir as variações entre os estudos históricos, as críticas literárias e a compreender o processo de mediação da leitura do literário pelo encontro com a leitura da obra, no fazer uma experiência com o literário. É preciso entender que a leitura é conteúdo curricular e que a discussão sobre a obra necessita estar presente nas aulas, e atendam as concepções apresentadas por Barthes (1992), Eco (1991) e Calvino (1990), e aprendida na prática da própria leitura, na sala de aula.

Mediar é provocar estesia

Estesia nos remete aos sentidos, à nossa capacidade de perceber sensações, ao sensível. Preparar uma mediação que provoque os sentidos dos leitores, significa explorar o texto estimulando sua entrada pela experiência estética, a qual educa nosso olhar, escuta e percepção. Neitzel, Steil e Barontini (2022) apontam que mediações literárias que estabelecem uma relação sensível com a literatura promovem a exploração do texto pelo corpo, pelos sons do texto, que pode ser por meio da leitura dramática e do jogo dramático, atividades que provocam o leitor a penetrar nas camadas das tessituras literárias.

Ao estesiar o leitor, a mediação o afeta. Conforme discutem Martins, Picosque e Guerra (2010, p. 23), “[...] são os cinco sentidos que podem, passo a passo, abrir para nós o nosso caminho para o estético. É pela apreensão estética, pelo modo como o nosso corpo é afetado e se deixa afetar que nossa sensibilidade é ativada”. Uma mediação estética promove a educação estética, pois o mediador mobiliza os alunos a entrarem no texto, não apenas pelo inteligível, mas também pelos sentidos, e este movimento poderá ser o condutor para o encantamento e a compreensão da obra de arte. Para Duarte Júnior (2010, p. 26), “[...] é preciso educar o seu olhar, a sua audição, seu tato, paladar e olfato para perceberem de modo acurado a realidade em volta”.

Mediar é ocupar espaços propositores

Bibliotecas, escadas, corredores, pátios, além de salas de aula, são espaços de trânsito e de criação que podem ser usados e habitados para ampliar o diálogo entre leitores e textos literários. Ao trabalhar com a leitura do literário pelo viés do sensível é importante criar uma ambiência de leitura, uma vez que o espaço produz sentidos, e os que nele se encontram, respondem a esses sentidos; por isso o espaço interfere em nossa recepção do texto, pois ele pode abrir os canais de percepção do leitor, movimentá-lo pelo texto de forma a criar relações outras, mobilizando o leitor a sentir desejo pela leitura.

Konell (2020) discute em sua pesquisa o espaço como campo de sensação da arte, observando como ele leva o público a fazer uma experiência, interfere e amplia as possibilidades do público de criar, ressignificar e reinventar a arte. Para a pesquisadora, espaços de interação artística provocam o público a sentir, a pensar e contribuem para a formação sensível e inteligível: “Um corpo que à medida que

vai estabelecendo relação com o espaço pode sentir a mais profunda conexão com a arte” (KONELL, 2020, p. 140).

A universidade, como instância de socialização e de produção de conhecimentos culturais, é responsável pelo processo de formação dos estudantes e, por meio dos seus espaços públicos, pode promover estados estésicos que interferem na leitura e na interpretação do texto, bem como impactar na formação do sujeito. É necessário dar-se conta do encadeamento entre a disposição física das salas de aula e da universidade como um todo e o quanto essa disposição afeta o emocional dos sujeitos envolvidos, promovendo o encontro dos acadêmicos, com o grupo, com a obra, com o autor.

Mediar é possibilitar afetos

Afetar-se pelo texto literário implica ser cindido pelo texto, atravessado. Uma cisão se torna possível quando se vive a leitura como acontecimento, quando, por meio dela, abdica-se de crenças e passa-se a enxergar as crenças do outro, em um exercício de alteridade que promove encontros. Muito se tem discutido sobre estratégias de leitura no ensino da leitura (como na metodologia norte-americana) com o objetivo de ativar conhecimentos prévios, formular questões ao texto, fazer inferências, visualizar, sumarizar e sintetizar.

No entanto, há de se lembrar que esse exercício junto ao texto precisa ser mobilizado não apenas pelo inteligível, pelo cognitivo, mas também pela estesia, pelo corpo, ativando nossas percepções, nossos afetos, pois também lemos o texto pelo corpo, o mundo nos chega por meio dele, como afirmam Neitzel, Steil e Barontini (2022). É fundamental que as mediações proponham a “exploração dos sons do texto, que deem vazão para a leitura dramática”, pois a dramaticidade “[...] vale-se da entonação da voz, dos gestos, das expressões, entre outras linguagens, as quais encaminham o leitor a penetrar nas cama-

das das tessituras literárias [...]” (NEITZEL; STEIL; BARONTINI, 2022, p. 304-305), oportunizando uma relação sensível com a literatura.

O professor mediador da arte literária é um promotor de encontros, e os encontros com a arte provocam variações de potência de vida, pois são capazes de afetar ideias e corpos e criar outros mundos, fazer movimentos no mundo. São encontros de afetos que aumentam a nossa potência de agir e nos possibilitam novos movimentos, como sinalizam Ramos e Marangoni (2016), pois ao explorarem o potencial estético e artístico da literatura, lembram que a leitura é um fazer poético que exige uma experiência poética, uma atmosfera lúdica que estimule intelectualmente o leitor em razão de seu apelo à sensibilidade.

Para Resende et al. (2017, p. 142): “Afeto: é a materialidade, o meio condutor das relações, das trocas, das transformações entre os corpos. Ele é a qualidade de um território; ele é a matéria articulada em um corpo”. A leitura afeta o leitor quando ele se desloca, perde o centro de gravidade com o que é lido e neste deslocamento sente a realidade a partir dos saberes ali mobilizados. Uma mediação que afeta ativa conceitos fazendo o texto ganhar força quando encarnado no sujeito leitor.

Mediar é promover emancipação

No movimento de mediação, o mediador assume uma postura instigadora na oferta da leitura de obras literárias e procura ser emancipador e não explicador para promover o encontro dos acadêmicos com a leitura do literário, conceito desenvolvido por Rancière (2013). Para o filósofo, a mediação implica em instigar os estudantes a utilizarem as competências necessárias para aprender, promovendo o encontro com a obra, uma prática que encaminha à emancipação intelectual porque a leitura estésica também leva o leitor a fazer inferências, relações, a sumarizar, sintetizar. O mestre, segundo Rancière, [...] “não

é apenas aquele que tem o saber ignorado pelo ignorante. É também aquele que sabe como torná-lo objeto de saber, o momento de fazê-lo e que protocolo seguir para isso” (RANCIÈRE, 2013, p. 14).

Ao propor mediações que oportunizam ao outro externar suas ideias, exercitar seu direito ao pensamento próprio, o mediador oportuniza que o leitor sinta a diversidade do texto, de que plural ele é feito, uma ação que lhe sugere “[...] a ideia de que, entre todos esses textos escritos — de hoje ou de ontem, daqui ou de outro lugar — haverá certamente alguns que dirão algo de muito particular a eles” (PETIT, 2009, p. 177-178).

Ao longo deste artigo discutimos o conceito de fazer uma experiência segundo Heidegger (2015, p. 121). Para este filósofo, “[...] fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma”. Esse transformar remete ao emancipar, porque, a partir de uma experiência com a leitura, o acadêmico vai analisar outras possibilidades de pensar o mundo, levando-o a produzir novas análises das relações tecidas em seu entorno.

Ao tomar consciência do pensar e do estabelecer relações de seu mundo com o texto, ele passa “a compreender os diferentes significados do texto, impulsionando o movimento da formação de sua autonomia enquanto leitor” (ALVES; RAMOS, 2019, p. 328). A leitura, quando se dá no fazer uma experiência, quando atravessa o leitor, quando é sentida como um acontecimento, emancipa porque é capaz de provocar mudanças e reverberação na escola, na sala de aula, na vida, pois o leitor apaixonado pela literatura quer apaixonar o outro, atrai-lo para o objeto amado, movimento que pode levá-lo a enver-

dar-se pelas fugas do texto e, neste diálogo, produzir sentidos com as ambiguidades semânticas.

Mediar é propor desafios

Nos sete movimentos anteriores, afirmou-se que mediar é compartilhar, ruminar o texto, entrelaçar teoria e prática, provocar estesia, ocupar espaços outros, possibilitar afetos e promover emancipação. Em cada um desses movimentos há sempre a presença de um desafio proposto pelo mediador para oportunizar experiências estéticas. Como um caleidoscópio, a cada movimento são evocados aspectos que buscam diferentes modos de apresentar ou discutir uma obra literária, movimentos que muitas vezes desconcertam o leitor.

Ao propor desafios, o mediador apresenta caminhos, possibilidades para que o mediado entre em diferentes camadas de sentidos que a obra oferece para desvendar o que ela provoca, como ela fala sobre os seus aspectos artísticos e estéticos, como nos atravessa, nos comove ou nos faz rejeitá-la. Um jogo cujas regras são moventes porque são geradas na própria travessia de leitura, quando “é exigida do leitor postura colaborativa e ativa, interagindo com os textos que leem, por meio da ação do mediador” (ALVES; RAMOS, 2019, p. 328). O leitor é jogado nos espaços vazios, pois, como afirmam Deleuze e Guattari (1992), uma arte é arte quando contém um vazio, uma linha de fuga.

Para que esses espaços vazios sejam explorados, o mediador provoca desafios com leituras e questionamentos, conduzindo pelo diálogo à interação e à reflexão. Com esta postura revela-se como “um iniciador aos livros”, como afirma Petit (2009, p. 174), que ajuda o leitor a compreender a obra, a entrar nela; iniciador que se preocupa com leitores proficientes, que saibam fazer conexões entre o que leem e informações extratextuais, produzindo inferências não apenas no ato da leitura, mas após ela, sem, no entanto, se esquecer de abordar o

texto pelo viés artístico e estético. Eis o grande desafio! Afinal, literatura é arte!

Considerações finais

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
(Fernando Pessoa, 1980, p. 49)

Ao longo deste artigo vimos defendendo o tratamento da literatura em sala de aula como arte, seja na escola ou na universidade, respeitando sua função estética e artística, enfatizando que por meio deste viés também atingimos o objetivo de o leitor ativar conhecimentos prévios, formular questões ao texto, fazer inferências, visualizar, resumir e sintetizar. E ao fazê-lo, trouxemos à baila um importante aspecto: a mediação de leitura.

Nosso foco, neste artigo, foi no professor mediador de leitura, pois é ele, na escola e na universidade, que pode propor mediações que explorem o potencial artístico e estético da literatura. Sendo ele um leitor consciente das funções da literatura que aqui resenhamos, segundo Barthes (1992), Eco (1991) e Calvino (1990), um apaixonado pela literatura, desafiar-se-á por apaixonar o outro, atrai-lo para o objeto amado, a perceber o texto com a riqueza da plurissignificação da palavra literária, com a riqueza do debate, do entrar nas dobras do texto. A leitura, quando se dá no fazer uma experiência, quando atravessa o leitor, quando é sentida como um acontecimento, é capaz de provocar mudanças.

Uma mediação que oportuniza o *fazer uma experiência* possibilita que os leitores reflitam sobre a obra literária como arte e explorem

a potência da obra. Discutimos que mediações sensíveis promovem o encontro do leitor com a leitura, e a paixão pela palavra literária acolhe os leitores, atravessa-os e transforma-os. Defendemos que a experiência estética com o texto literário depende do mediador propositivo, de sua habilidade de leitura, de sua compreensão acerca dos meandros da linguagem literária e de mediações que instiguem o leitor a querer mais e mais.

Os conceitos aqui problematizados sobre mediação são importantes porque eles impactam na condução das mediações e das escolhas dos textos literários. Uma mediação adequada é aquela que faz a obra viver dentro de nós, a pensá-la pela percepção, com os olhos, com os ouvidos, com os pés, o nariz e a boca, como nos ensina Fernando Pessoa (1980).

Referências

- ALVES, K. F.; RAMOS, F. B. Ensino de estratégias de leitura literária no ensino médio: possibilidade para formação de leitores. *Cad. Pesq.*, v. 26, n. 3, jul./set., 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v26n3p322-340>.
- BARTHES, R. *S/Z — uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro. 1992.
- CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 5. ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- ECO, U. *Obra aberta*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.

- HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Tradução Marcia S. C. Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- HENTCHEN, L. C. *Da terra de Oz a um mundo leitor de ampla potencialidade [ou Fazer experiências literárias como caminho para a educação estética]*. 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2022.
- PAREJA, C. J. M. A mediação da leitura do literário no ensino superior. 2021. 193 f. Tese (doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2022.
- KONELL, V. *O espaço da arte no museu de arte contemporânea*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2020.
- MARANGONI, M. C. T.; Ramos, Flávia Brocchetto. Poesia: uma casa para as infâncias. *Signo* (UNISC. Online), v. 45, p. 37-48, 2020.
- RAMOS, F. B.; MARANGONI, M. C. T. Ecos da poesia no leitor mirim. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 67–92, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8647206>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. *Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010. (Coleção Teoria e prática).
- NEITZEL, A. A.; PAREJA, C. J. M.; Santos, A. D. dos. A formação inicial do(a) futuro(a) professor(a) de Letras: a mediação de leitura em foco. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP*, v. 103, p. 160-180, 2022.
- NEITZEL, A. de A.; ALVES, M. P. Grande Sertão: Veredas – estudos sobre educação estética. *ANTARES: Letras e Humanidades*, v. 14, n. 33, p. 425-451, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.18226/19844921.v14.n33.16> .
- NEITZEL, A. de A.; STEIL, I.; BARONTINI, M. Corpografias na leitura do literário. *Revista Teias*, v. 23, n. 70, jul./ago. 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.64640.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2009.

- PETIT, M. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2. ed. 1. reimp. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: 34, 2012.
- PETIT, M. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: 34, 2013.
- PICOSQUE, G.; MARTINS, M. C. Revelação do corpo: estesia, conhecimento. In: MARTINS, M. C.; PISCOSQUE, G. (Orgs.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 33-39.
- PESSOA, F. *Autobiografia sem factos*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2006.
- PESSOA, F. *Ficções do interlúdio/1 – Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RESENDE, C. M. *et al.* Corposições entre o ver, o dizer e o agir. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 135-142, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2172>
- RAMOS, F. B.; MARANGONI, M. C. Ecos da poesia no leitor mirim. *Pro-posições*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 67-92, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0113>
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- URIARTE, M. Z. *et al.* Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C. (org.). *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética*. Curitiba: CRV, 2016. p. 37-51.
- UTUARI, S. O provocador de experiências estéticas. In: MARTINS, M. C. (org.). *Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota, 2014. p. 171-176. (Série: Arte, educação e cultura).

Recebido em: 01/02/2023
Aprovado em: 26/02/2023